

A busca de um novo paradigma para organização técnica e funcional do desporto de elevado rendimento

Elio Carravetta*

Resumo

O esporte de elevado rendimento está sustentado de maneira quase unilateral pelo tecnicismo do paradigma científico e pela fragmentação das contribuições da Ciência do Desporto. A filosofia do treinamento está fundamentada em teorias condutivistas e em ações unidisciplinares, onde todo o problema do treinamento está atomizado em suas especificidades, excluindo as inter-relações com as áreas mais amplas do conhecimento. Nas duas últimas décadas, as marcantes transformações na história do pensamento humano, resultaram na contestação da corrente positivista. Surgem reflexões sobre as contradições dos modelos teóricos dominantes na organização técnica e funcional do esporte de elevado rendimento. Alguns autores começam a romper as barreiras do condutivismo e da visão unidisciplinar, e passam oferecer soluções de maior eficácia, com diferentes pontos de vista teóricos, procuram, cada qual a seu modo, discutir as propostas de ações cognitivas e interdisciplinares. O estudo busca uma reflexão crítica sobre o paradigma reducionista expresso pelo pensamento linear, dominante no sistema desportivo federado e procura abordar uma nova visão e compreensão da organização técnica e funcional do desporto de elevado rendimento.

Abstract

The search for a new model of technical and functional organization in high performance sport. High performance sport is almost exclusively founded upon the methodology of scientific model and fragmentation of the contributions of sports science. Training philosophy is based upon conductivist theories and single discipline activity, in which training is atomized into specific areas, inhibiting links with other disciplines. In recent decades, marked transformations in human thinking have resulted in challenges to positivist opinion. Questions relating to the contradictions of the dominant theoretical models of technical and functional organization in high performance sport have emerged. Some authors have begun to break the barriers of conductivism and the single discipline view and offer more efficient solutions. Starting from different theoretical viewpoints, they are in their different ways discussing cognitive and interdisciplinary proposals for action. This study aims to offer a critique of the reductionist model expressed by linear thinking which has been dominant in the sports federations and seek a new approach to the understanding of the technical and functional organization of high performance sport.

1. OS PROCESSOS DE RELAÇÕES NO SISTEMA DE TREINAMENTO PARA O ESPORTE DE ELEVADO RENDIMENTO

O sistema esportivo¹ passou a viver nas últimas décadas do século XX um processo pluralístico de transformações científicas, econômicas, pedagógicas, sociopolíticas e culturais. Paralelamente, também se evidenciou como um eficiente meio de comunicação multinacional que se difundiu entre culturas e etnias bem diferentes.

O esporte transformou-se, pela sua dimensão internacional, por sua audiência monumental e pelas suas próprias características, em um pólo emissor de evolução tecnológica, e em um segmento que transmite informações e novidades. Constituiu-se em uma área de aplicação e de experimentalidade básica para o desenvolvimento da esponsorização², onde estão incluídos os patrocínios, a publicidade, a venda de produtos e imagens, no novo sistema comunicativo.

Desde a restauração dos jogos olímpicos, com o surgimento do esporte moderno, os subsistemas esportivos (clubes ou

associações) em suas unidades funcionais (departamentos esportivos) contribuíram para o desenvolvimento do desporto alicerçados em estruturas semifechadas, caracterizadas por um limitado processo de informação, moldadas nas impressões, história, bagagens e preconceitos da cúpula que os dirigia, freqüentemente sustentadas pela simbiose relacional do treinador com o dirigente esportivo.

Os clubes esportivos, associações privadas, constituídas de pessoas físicas e jurídicas, que tem como objetivo a promoção de uma ou várias modalidades esportivas, fomentam a prática esportiva, desenvolvem o elevado rendimento desportivo, e geram os espetáculos esportivos³ com a formação e especialização de atletas, conservam sua estrutura funcional regida por leis fixas e invariáveis dificultando as conexões com o todo da realidade.

Os dirigentes esportivos, favorecidos pelo contexto sócio-cultural e pela corrente de pensamento que predominou no mundo do esporte, com a contribuição de uma parcela significativa de técnicos esportivos, foram os inspiradores das correntes de pensamentos hegemônicas das modalidades esportivas. As linhas de pensamentos evocavam a visão centralizadora, o tecnicismo⁴, o egocentrismo, a conservação e a exclusividade da informação, assim como as manifestações de procedimentos condutivistas⁵ e as recompensas extrínsecas.

Historicamente os técnicos esportivos, foram legitimados por preencherem os requisitos configurados pelos dirigentes para o desenvolvimento técnico das modalidades esportivas. Com freqüência são favorecidos os ex-atletas, por vivências e experiências em competições esportivas, onde os recordistas, os campeões nacionais e internacionais gozam de facilidades para transformar-se, de forma meteórica, em supertécnicos esportivos e muitas vezes, sem a experiência necessária para o exercício da atividade profissional, desconsiderando-se, inclusive as exigências mínimas de fundamentação teórica.

A formação empírica e tecnicista de uma parcela representativa de treinadores converteu suas atividades profissionais, sob relevante inspiração positivista (exclui a teoria em favor da explicação em sentido restrito), em agentes técnicos de produção. Alguns treinadores são responsáveis pelo monopólio da informação, limitando os canais de comunicação em suas unidades funcionais e os processos de relações, rechaçando com veemência qualquer ameaça de invasão. Estes treinadores mantêm fundamentadas suas relações por modelos estereotipados, prontos, acabados e referenciados em experiências práticas fechadas em si mesmas. Nos programas

de treinamentos predominam as funções intuitivas, sintéticas e místicas. Desencadeiam processos de ensino – aprendizagem – treinamentos convencionais, condutivistas, mecânicos e repetitivos. Não percebem as relações de forma integrada; apenas perseguem seus objetivos em busca de resultados de maneira fragmentada. Reinam como soberanos e inatingíveis no seu território do saber, freqüentemente ultrapassam as fronteiras de sua área de atuação, contestando a atuação das diferentes áreas de desenvolvimento da performance. Realizam intervenções e exercem o monopólio do poder nas áreas do treinamento desportivo, da saúde, da administração, da logística e em outras, com limitada qualificação para interpretar as verdadeiras funções destas áreas do conhecimento no desenvolvimento do desporto. Tentam explicar toda a realidade de maneira fracionada, pela especificidade do desempenho físico, técnico e tático ou pelos resultados de seus atletas ou equipes, desvinculando a visão global da realidade. A relação recíproca com as linhas de pensamento dos dirigentes esportivos reforça esta visão individualista e conservadora, que geralmente resiste às inovações que acompanham as evoluções pedagógicas, científicas, tecnológicas e culturais do esporte.

O atleta é considerado como uma unidade composta de partes, onde cada área do conhecimento atua por sua conta, com mecanismos de comunicação e integração bastante restritos. Todo o problema do treinamento esta atomizado em sua especificidade, excluindo a inter - relação com as áreas mais amplas do conhecimento. Aportam-se os conhecimentos desde o ponto de vista da unidisciplinaridade, o que favorece o monopólio do poder e do saber por parte dos técnicos desportivos, uma vez que a especificidade técnica do conhecimento dá-se em nível de cúpula, e é dominada pelos que detém o poder em benefício de suas metas. As outras áreas do conhecimento são meros instrumentos oscilantes que atuam isoladamente como prestadores de serviço.

Nos esportes olímpicos, o COI, as federações e os clubes regulam a prática esportiva da seguinte forma: o COI controla o funcionamento da prática esportiva através da Carta Olímpica que expressa o código que resume os princípios fundamentais, as normas e os textos de aplicação. Dirige a organização e o funcionamento do Movimento Olímpico e fixa as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos. Os códigos esportivos representam os modos de proceder nas competições esportivas. São constituídos em grande escala pelas federações que através de seus diretores ajustam suas atuações a suas normas. Os clubes aplicam os procedimentos

"Historicamente os técnicos esportivos, foram legitimados por preencherem os requisitos configurados pelos dirigentes para o desenvolvimento técnico das modalidades esportivas."

e fixam, em seus estatutos e em seus regulamentos, diversos mecanismos para regular a conduta de suas equipes, treinadores e atletas. Os dirigentes em suas unidades funcionais são reprodutores dos modelos estabelecidos, se valem de suas concepções e vivências e das experiências práticas do técnico desportivo para estabelecerem as metas e os procedimentos técnicos – administrativos. Os técnicos orientam em seus departamentos e em suas respectivas categorias, os programas esportivos, os conteúdos e os métodos de treinamento. Os programas de treinamento inseridos nas unidades funcionais de esportes federados geralmente se organizam da iniciação esportiva até o elevado rendimento. Os treinadores declaram que possuem autonomia e liberdade para a planificação dos programas esportivos com base na sua especialização, que tem por finalidade respectivamente detectar o talento esportivo e maximizar o rendimento esportivo de atletas e equipes. Observam que freqüentemente ocorre uma disputa interna entre as unidades funcionais (departamentos esportivos) pela eficácia de resultados, pela busca de hierarquia, e por uma ascensão profissional. Estabelece-se sistematicamente uma rivalidade acirrada entre os treinadores pela conquista de promoção no sistema esportivo federado. Destacam, entre suas características, o trabalho individual, a especificidade do conhecimento em suas modalidades esportivas e a responsabilidade de elaborar, aplicar e avaliar o treinamento desportivo com eficácia, autoridade e disciplina, priorizando o triunfo na competição. São evidenciadas regras sociais que surgem da relação entre treinadores e atletas, muitas vezes se manifestam através de uma atitude hierárquica de supra-ordenação e submissão. No período de treinamento e durante as competições os atletas se inclinam frente ao conhecimento técnico superior, à habilidade e ao poder dos treinadores. Os técnicos esportivos segundo suas próprias convicções, com relativa freqüência, encaminham seus atletas para diferentes especialistas que possam contribuir para a maximização do rendimento, freqüentemente estes especialistas não são integrantes de suas unidades de saúde. Por outro lado, estas unidades em muitos clubes atuam dissociadas da realidade do departamento (unidade funcional), e chegam a ponto de ser terceirizadas, em clubes com respeitada tradição no desenvolvimento de desporto. Ou seja, uma parcela significativa do sistema esportivo federado, assim como os subsistemas esportivos (clubes) e suas unidades funcionais (departamentos) estão compartimentados, evidenciando o significado dos meios, adequado ao fim de desenvolver os resultados esportivos (marcas e vitórias) o que significa na ideologia do sistema esportivo federado um dos valores mais representativos. Consta-se que o esporte federado está sustentado de maneira quase unilateral pelo tecnicismo do paradigma científico e pela fragmentação das contribuições da Ciência do Desporto.

2. A BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA

Nas duas últimas décadas, uma convulsão eclodiu no interior da história do pensamento humano, tendo como resultado a contestação da corrente positivista. Autores como Thomas Kuhn⁶ procuraram mostrar que não existem teorias livres de alguma dimensão interpretativa. As noções de significado, comunicação e interpretação tornaram-se relevantes para as teorias científicas. A teoria sistêmico – cibernética⁷ apresenta a realidade como um todo inter-relacionado, envolvendo as estruturas pensantes organizacionais, heurísticas⁸ e comunicativas passíveis de retroalimentação pelos seus receptores. Assim como certas tradições filosóficas passaram a ser vistas com maior atenção: a fenomenologia, a hermenêutica, e a teoria crítica, sobretudo a representada mais recentemente na obra de Habermas⁹. E essas linhas de pensamentos passaram a contaminar a reflexão sobre as contradições dos modelos condutivistas e unidisciplinares, conseqüência do acontecer altamente complexo a que passamos a estar submetidos. Paralelamente aparecem os modelos cognitivos na aplicação do treinamento desportivo, que fazem frente aos modelos condutivistas fundamentados na simples adaptação do atleta ao modelo, na padronização dos comportamentos, na formação dos estereótipos e nas fórmulas consagradas segundo as características da modalidade esportiva. O modelo cognitivista leva uma integração mais abrangente do conhecimento, considera a importância das representações mentais, não apenas pelo que expressam, mas especialmente pelo que as pessoas podem fazer com elas. Esta expressão refere-se à crença de que os indivíduos têm idéias, imagens e várias linguagens no interior de sua mente – cérebro; essas representações são reais e importantes e são suscetíveis de mudança por parte dos técnicos – desportivos. Nesta perspectiva, os processos de aprendizagem - treinamento buscam uma melhoria na capacidade de interpretação do atleta e estabelecem as relações interdisciplinares da aquisição e da utilização dos componentes coordenativos, condicionais e cognitivos para o desenvolvimento do rendimento esportivo.

A visão unidisciplinar, ponto de convergência e de expressão do paradigma mecanicista e cientificista, produto da conjugação do empirismo¹⁰ e do racionalismo¹¹, começa a provocar controvérsias. Alguns autores começam a romper as barreiras da unidisciplinaridade, e passam oferecer soluções de maior eficácia, com diferentes pontos de vista teóricos, procuram, cada qual a seu modo, discutir as propostas de ação interdisciplinar.

A interdisciplinaridade constitui-se, enquanto objeto de produção e prática pedagógica de socialização do conhecimento, um pressuposto básico para organização técnico-fun-

cional e para o desenvolvimento da performance de atletas e de equipes. A interdisciplinaridade contribui para mediar a comunicação entre os especialistas e entre eles e o mundo do senso comum. Cria-se uma linguagem referência entre os diferentes profissionais, de diferentes campos, disciplinas ou especialidades, mediante a qual eles compreendem as inter-relações de sua própria especificidade com a do outro. Possibilita-se a compreensão das diferentes áreas do conhecimento e das formas de cooperação a um nível bem mais crítico e criativo entre os especialistas.

A interdisciplinaridade propõe, entre os integrantes das equipes técnicas, o grupo de apoio técnico e dirigentes, uma relação efetivamente humana, de abertura, de participação, de senso de partilha, de cooperação, de humildade e de consciência da interdependência. Desenvolve mecanismos que buscam a integração entre os indivíduos. E facilitam a ultrapassagem das barreiras (psicológicas, relacionais, humanas), favorece a reflexão, e propicia a utilização do feedback para a regulação do exercício do poder, evitando que este não se torne um instrumento do saber.

"A interdisciplinaridade propõe, entre os integrantes das equipes técnicas, o grupo de apoio técnico e dirigentes, uma relação efetivamente humana, de abertura, de participação, de senso de partilha, de cooperação, de humildade e de consciência da interdependência."

3. ANÁLISE A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA CONCRETA

No campo das ciências do esporte, na última década do século XX, João Paulo Medina (1996) publica um estudo inédito intitulado "Reflexões Sobre a Fragmentação do Saber Esportivo", adiantando uma construção teórica que tem por base a crítica ao modelo hegemônico da organização técnica - funcional do esporte de elevado rendimento. Seu estudo estabelece, um novo conceito de interdisciplinaridade aplicável à estrutura técnica - funcional dos clubes de futebol (comissões técnicas e comissões de apoio técnico), estabelece também a busca de uma construção teórica globalizante, o trabalho cooperativo de diferentes profissionais de áreas específicas, a interação do conhecimento, sem, no entanto, destruir a autonomia dos especialistas e das respectivas áreas que participam no desenvolvimento técnico. Em 1997, J. Medina participa ativamente da experiência coordenando tecnicamente o Departamento de Futebol do Sport Club Internacional e colocando em prática um projeto inovador, que transforma em um programa de ruptura e ação, pelo fato de ter que mudar, em uma unidade funcional que se funda na tradição de um paradigma imperante no modelo organizacional e funcional do futebol brasileiro.

Na construção do programa participaram ativamente todos os setores envolvidos (Comissões técnicas: técnicos, assistentes técnicos, preparadores físicos, assistentes de preparação física, treinadores de goleiros. Comissão de apoio técnico: fisioterapeutas, médicos, nutricionistas, dentistas, psicólogos e assistentes sociais), com uma clara definição das metas de curto, médio e longo prazos em termos técnicos e humanos.

O projeto comprometeu todos os setores nos processos de decisões, planejamento, condução de ações e no confronto das idéias com a realidade. Buscou a conciliação da fundamentação teórica com as possibilidades efetivas de aplicação integrada de procedimentos técnicos no desenvolvimento da performance esportiva.

No plano da organização dos programas de treinamento elaborados entre as comissões técnicas, caracterizou-se por uma unidade interdependente, sendo que os objetivos e as metas são propostos em harmonia e são integrados dentro da funcionalidade das inter-relações existentes entre cada uma das categorias.

Finalmente, no que se refere aos processos de ensino - aprendizagem - treinamento, estão abertos à incorporação de novos conhecimentos, metodologias e contestações por parte das comissões técnicas e das comissões de apoio técnico. Possibilita ao atleta a compreensão dos objetivos, conteúdos e etapas de treinamento, fomenta a corresponsabilidade por parte dos atletas nos processos de treinamento, estimula a elaboração de novos comportamentos centrada nas características individual dos atletas de analisar os sinais do meio, saber interpretar e saber tomar decisões motoras cada vez mais ajustadas as suas necessidades, potencialidades e as etapas de desenvolvimento e maturação.

Neste artigo desenvolveu-se o conceito de que a filosofia do treinamento desportivo está baseada nas teorias condutivistas, além de compreender a repetição estereotipada de movimentos, e se fazer predominante no sistema desportivo federado.

No estereótipo criado, os parâmetros motores, espaciais e temporais, se repetem homogênea e imutavelmente, o que ocasiona a passagem da atitude motora para o hábito motor. O atleta é visto como um conjunto de componentes ordenados mecanicamente que se adapta ao modelo construído segundo as necessidades do esporte e sua especialidade.

Por outro lado, as teorias cognitivas que começam a surgir

na aplicação do treinamento desportivo contemporâneo, buscam a melhoria da interpretação do atleta, para que ocasione uma modificação da conduta externa. Não se centra no produto, mas no processo, objetivando conseguir uma maior disponibilidade motora. Buscam-se atitudes que são esquemas motores aplicáveis a situações variáveis, não adquirindo modelos de conduta, mas criando uma motricidade mais coerente com a situação interpretada. Predominam as motivações intrínsecas, o senso crítico, a satisfação pessoal pelo trabalho bem realizado, o interesse pelos procedimentos e conteúdos do treinamento e a auto estima. Exigem a atuação interdisciplinar como uma metodologia básica para a abordagem da complexidade no desenvolvimento da performance esportiva, tentando atingir a mente do atleta cognoscente.

É fundamental entender que na tentativa de buscar a transformação de um paradigma hegemônico na organização técnica e funcional do desporto de elevado rendimento, não queremos nos limitar somente a reflexão e a uma experiência prática isolada de operacionalização de uma nova proposta metodológica.

Buscamos, principalmente, que o leitor compartilhe uma nova filosofia de trabalho, isto é, uma nova visão e compreensão da organização do desporto de elevado rendimento de se radicar na realidade.

BIBLIOGRAFIA

- ANDLER, D. (Org.) *Introdução às ciências cognitivas*. São Leopoldo: Editora do Vale do Rio dos Sinos, 1992.
- CARRAVETTA, E. *O esporte olímpico. Um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.
- GIDDENS, J., TURNER, J. (Orgs.) *Teoria social hoje*. São Paulo, Ed. Unesp, 1999.
- GLEICK, J. *Caos: a criação de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- GRECO, M. *Interdisciplinaridade e Revolução do Cérebro*. São Paulo: Pancast, 1994.
- GRÉHAIGNE, J. F., GODBOUT, P. *Tactical knowledge in team from a constructivist and cognitivist perspective*. National Association for Education in Higher Education, 1995, N.47, p.490-505.
- GROSSER, M., NEUMAIER, A. *Técnicas de treinamento*. Barcelona: Martinez Roca, 1988.
- HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HAYES, J. R. Cognitive process in creativity. In: GLOVER, J., BONNING, R. R., REYNOLDS C. R. (Ed). *Handbook of creativity*. New York: Plenum Press, 1989. p.135 -146.
- JANTSCH, J., BIANCHETTI, L. (Orgs.) *Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5ª ed., 2000.

MEDINA, J. P. *Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo*. In Moreira, W. (Org.) *Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI*. Campinas: Ed. Papirus, 1996 p.141-158.

MUNNÉ, F. *Sobre a complexidade como crítica epistemológica na ciência do comportamento*. Chile: XXIV Congresso Interamericano de Psicologia, 1993, p.1-23.

SANCHO, J. M. *Planificación Deportiva. Teoría y Práctica*. Barcelona: INDE, 1995.

SANVISENS, A. (Coord.) *Educación pedagógica y ciencias de la educación. Introducción a la pedagogía*. Barcelona: Barcanova, 1984, p.5-37.

SANVISENS, A. *Cibernética de lo humano*. Barcelona: Oikos-tau, 1984.

THAGARD, P. *Mente. Introdução à ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

NOTAS

¹Neste estudo, o sistema esportivo é conceitualizado como uma estrutura externa — formada por partes intercaladas e organizadas em uma hierarquia intencional de funções. Os clubes representam os subsistemas e seus departamentos esportivos unidades funcionais.

²A principal referência econômica da comunicação no espetáculo esportivo é a que proporciona a televisão. As grandes empresas são os anunciantes que destinam recursos elevados para chegar aos telespectadores destas manifestações esportivas.

³O esporte espetáculo, originário do esporte federado, é considerado uma instituição relativamente autônoma, com um desenvolvimento próprio, formado por um sistema piramidal de clubes, federações, conselhos e comitês, estruturados para tomar decisões e realizar um forte impacto social.

⁴Valorização excessiva dos recursos técnicos.

⁵Tornar semelhante a uma máquina.

⁶KUHN, T. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Ed. Perspectiva, 5ª ed., 2000

⁷SANVISENS, A. *Cibernética de lo humano*. Barcelona: Oikos-tau, 1984. Sanvisens aplicou o método sistêmico — cibernético a Ciências Humanas e em especial à pedagogia.

⁸Método analítico para a descoberta de verdades científicas.

⁹HABERMAS, J. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹⁰Doutrina filosófica que encara a experiência sensível como única fonte fidedigna de conhecimento.

¹¹Racionalismo enfatiza a razão como fonte de conhecimento, começa com princípios a priori, ou verdades evidentes, e usa o método dedutivo.

UNITERMOS

Desporto de elevado rendimento; interdisciplinaridade; cognitivismo.

*Élio Carravetta é Doutor em Filosofia das Ciências da Educação e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS.